

# APLICABILIDADE DA FITOTERAPIA EM DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

---

*Data de aceite: 02/09/2023*

### **Valéria Hagennan de Vasconcelos**

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM

### **Mara Machado Soares**

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM

### **Vitória Pereira Gonçalves**

Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM

### **Karine Siqueira Cabral Rocha**

Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM

As Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) são um problema de saúde pública e incluem as doenças do aparelho circulatório, câncer, diabetes e doença respiratória crônica (Malta et al., 2017).

Segundo dados do Global Burden of Disease Study (França, 2017), no Brasil, elas se constituem como o problema de saúde de maior magnitude, com grande

impacto na qualidade de vida da sociedade e correspondem a cerca de 75% das causas de morte.

A partir disso, diversas iniciativas nacionais têm sido propostas para a prevenção, controle e recuperação da população afetada ou em risco de acometimento por DCNT. A perspectiva do tratamento usual é medicamentosa e com encorajamento à mudança do estilo de vida das pessoas para hábitos mais saudáveis (Costa et al., 2021).

Importante destacar que uma terapêutica pouco explorada é o uso de fitoterápicos em pessoas com DCNT. No entanto, o Brasil já possui políticas de incentivo ao uso dessa classe como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, com repasse da União para estados e municípios que podem, através de protocolos e processos rigorosos, supervisionados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária

(ANVISA) produzir esses medicamentos (Brasil, 2014).

Segundo o Ministério da Saúde (MS), 2016, o emprego de plantas como matéria prima para fabricação de medicamentos e a utilização em práticas populares e tradicionais, como remédios caseiros e comunitários é prática no Brasil. Conhecida como medicina tradicional, essas práticas são difundidas e podem ter muita importância, já que o Brasil tem uma grande biodiversidade, em torno de 15 a 20% da mundial, e possui ainda uma vasta diversidade cultural e étnica.

Nesse sentido, destaca-se a fitoterapia que é caracterizada pela prática terapêutica na qual a utilização de plantas pode ser feita na forma in natura ou através de preparações para extração de seus derivados vegetais pelo processo de isolamento de seus constituintes ativos, com a finalidade de uso medicinal (Saad et al., 2016).

De acordo com Rodrigues (2020), as plantas com composto químico ou fitoquímico, que têm eficácia no alívio, prevenção ou tratamento de doenças, usadas normalmente por tradição de uma população ou comunidade, são classificadas como plantas medicinais. Elas podem auxiliar no tratamento de diversas doenças, como no caso da hipertensão arterial sistêmica (HAS), pelas suas propriedades hipotensivas e calmantes; diabetes mellitus (DM) atuando como hipoglicemiantes e obesidade, com efeito termogênicos e diuréticos.

Desta forma, a utilização de fitoterápicos funciona como uma alternativa na terapia de DCNT. O presente trabalho objetivou analisar de forma analítica, as publicações científicas sobre o uso da fitoterapia no tratamento de doenças crônicas não transmissíveis como o Diabetes mellitus tipo 2 (DM2), HAS e obesidade.

## **HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES MELLITUS**

As plantas medicinais são conceituadas como espécies vegetais, cultivadas ou não, que possuem como objetivo sua utilização terapêutica. O uso destas ervas é algo bastante difundido entre a população, sendo amplamente utilizada, principalmente, em virtude de seu fácil acesso e baixo custo, facilitando de forma importante o acesso para boa parte da população sendo usadas de maneira complementar ao tratamento alopático (ÂNGELO; RIBEIRO, 2014).

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, elaborada pelo Ministério da Saúde, incentiva a utilização correta da fitoterapia, bem como a intenção e a implementação do uso das terapias complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) promovendo e incentivando pesquisas com plantas medicinais (FEIJÓ et. al., 2012). O Ministério da Saúde criou a Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS) em 2009, nela consta uma lista com 71 tipos de plantas medicinais indicadas para uso terapêutico da população (BRASIL, 2012).

O diabetes mellitus (DM) é uma síndrome de etiologia múltipla, decorrente da falta de insulina e/ou da incapacidade da insulina de exercer adequadamente seus efeitos. Dessa forma, caracteriza-se por hiperglicemia com distúrbios do metabolismo dos carboidratos, lipídeos e proteínas. A ciência revela que complicações crônicas (cardiovasculares, neurológicas, renais, oftalmológicas e pé diabético) ocorrem principalmente nos casos não controlados e de longa duração (Markova A, Mostow, 2012). No Brasil, plantas medicinais com domínio hipoglicemiante, como proteínas, alcalóides, polissacarídeos, flavonóides, esteróides e terpenóides, têm contribuído como grande aliado no tratamento, haja visto que sua ação no controle dos níveis de glicose sanguínea em pacientes com DM apresentarem um bom resultado (SOARES et al, 2017).

*Bauhinia forficata*, conhecida popularmente como pata-de-vaca, é muito utilizada pela sociedade a partir de preparações caseiras do extrato aquoso das suas folhas e raízes, sendo uma das plantas nomeadas pelo Ministério da Saúde no tratamento do DM, apresenta como hipoglicemiante, diurético, purgativo e tônico renal, sendo caracterizada pelo efeito moderador da glicemia, particularmente em portadores de DM tipo 2. Desse modo, quanto ao mecanismo de ação dessa planta, algumas teorias apontam que pode ser atribuído ao seu potencial de inibição da enzima catalisadora dos açúcares, amilase, especialmente pela atividade dos constituintes químicos quercetina e canferol, consequentemente reduzindo a glicemia do sangue (DE PONTES et al., 2017; DA SILVA, 2016).

Os fitoterápicos também são muito utilizados no tratamento da hipertensão arterial, doença crônica não transmissível, caracterizada pela elevação sustentada dos níveis pressóricos  $\geq 140/90$  mmHg. Prevalente em nosso meio atingindo cerca de 15 a 20% da população adulta com mais de 18 anos, chegando a alcançar índices de 50% nos idosos (Mion Jr et al., 2019). A pressão alta faz com que o coração tenha que exercer um esforço maior do que o normal para fazer com que o sangue seja distribuído corretamente no corpo, esse mal funcionamento pode levar a ocorrência de distúrbios metabólicos, alterações funcionais e/ou estruturais, intolerância à glicose, diabetes mellitus, obesidade abdominal e dislipidemias (MACHADO et. al (2014).

Outro fitoterápico muito conhecido é o Alho (*Allium sativum*), uma planta perene cujo bulbo, composto por folhas escamiformes, é comestível e usado tanto como tempero como para fins medicinais. Ele possui em sua composição o enxofre que é responsável pelo efeito cardioprotetor, e entre outros compostos com: aliina, alicina, S-alil-cisteína e S-metil cisteína. A mesma formulação também pode ser encontrada na cebolinha, alho-poró e cebola, porém, o alho é o que possui maior quantidade dessas substâncias.

Os níveis de colesterol sanguíneo podem ser reduzidos com esses elementos, pois eles protegem as células endoteliais vasculares contra lesões, devido a redução

do estresse oxidativo e a inibição da oxidação do LDL-c, além disso, possuem a função antitrombótica por meio do aumento da atividade fibrinolítica e da redução da agregação plaquetária e promove redução da pressão arterial devido ao efeito de relaxamento das células lisas, causando vasodilatação (TALBOT; HUGHES, 2015).

O Brasil é um país com grande área territorial, e com biomas e vegetação distintas em cada região, esse fato impulsiona uma diversidade de plantas que podem ser utilizadas como base para medicamentos fitoterápicos. A expectativa é que o material produzido desperte nas pessoas o interesse pela utilização de plantas medicinais como método alternativo para tratamento de doenças crônicas não transmissíveis, visto que os fitoterápicos podem ser uma alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde.

## OBESIDADE

As plantas para uso medicinal são utilizadas desde 3000 a.c., e a eficácia é comprovada até os dias atuais por meio de estudos realizados. Essa medicina alternativa, além de possuir baixo custo, como citado anteriormente, faz com que o paciente reduza a ingestão de substâncias químicas presentes em compostos fármacos. Ademais, o uso objetivado na redução de peso em pessoas obesas é crescente (SILVA et al, 2017).

Definida como patologia moderna pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a obesidade cresceu em proporções epidêmicas nos últimos anos. Nessa perspectiva, o sobrepeso e a obesidade são fatores de risco para o desenvolvimento de patologias crônicas não transmissíveis como hipertensão, diabetes, dislipidemias que podem acarretar em patologias cardiovasculares (SOUZA et al., 2018).

O tratamento para a obesidade é realizado com diversas ferramentas, como mudança de hábitos alimentares, visando alimentos menos calóricos e saudáveis, atividade física regular e tratamento medicamentoso, incluindo os fitoterápicos. Independente da escolha da terapia, a forma que será conduzida necessita de monitoramento cuidadoso e suporte por profissionais especializados em perda de peso, isso contribuirá para a eficácia do resultado e segurança do paciente (ZAROS, 2018).

A fitoterapia tem vantagem por ser de fácil acesso, possuir baixo custo, ser natural e obter bons resultados. Os fitoterápicos utilizados nessa doença crônica vão atuar no organismo, em sua maioria, como aceleradores de metabolismo e inibidores de apetite (BRITO et al.,2019).

Com o cultivo na região do Atlântico, a Alcachofra (*Cynara scolymus*) possui fibras alimentares solúveis não digeridas pelo intestino humano que faz com que o bolo fecal seja eliminado rapidamente e impeça que os lipídios sejam totalmente digeridos, por meio da inibição da atividade da enzima lipase pancreática (MARQUES et al.,2018). Tendo em

vista estas propriedades, a alcachofra tem sido utilizada popularmente no tratamento de doenças cardiovasculares e na inibição da biossíntese do colesterol (HOLANDA, 2022).

O Chá verde (*Camellia sinensis*) está relacionado com a redução da retenção de líquido e aceleração do metabolismo, sendo comumente utilizado por pessoas com essa expectativa. Dentre as classificações de chás, todos possuem a mesma funcionalidade, mas dependendo do modo como é preparado, difere na sua forma, coloração e aroma. O chá branco passa por um processamento mínimo e não é oxidado; o chá verde passa também por um processo de oxidação mínimo, porém, possui uma etapa adicional de fritura ou vaporização, já o chá oolong (chá do dragão negro) surge de uma etapa anterior ao preto, tendo fermentação parcial; o chá preto o processo de fermentação é total, formando a cafeína (NÓBREGA NETO et al., 2017).

Em relação ao Hibiscus (*Hibiscus sabdariffa L.*), estudos em progresso avaliam a eficácia na redução da adipogênese. O chá por infusão é bastante usado no tratamento de dislipidemias, desordem gastrointestinal. Quanto aos riscos, gestantes e lactantes devem consumir se houver autorização médica, devido aos níveis de progesterona e estrogênio sofrerem modificações (CUNHA et al., 2016).

A Garcínia (*Garcinia cambogia*), é originada da Ásia e tem como princípio ativo o ácido-hidroxicítrico, que sugere ter ação hipolipemiante, pois impossibilita a atividade da ATP-citrato liase, enzima responsável pela biossíntese de lipídeos (JEANNY et al, 2021). A garcínia era bastante utilizada pelos indianos como tempero, aromatizante e conservante. Nos dias atuais é utilizada com função hipocolesterolêmica e proporciona perda de peso corporal em humanos. (OLIVEIRA et al, 2021).

Considerada uma leguminosa rica em ferro, o feijão branco (*Phaseolus vulgaris L.*) também atua no tratamento de dislipidemias. Devido possuir um amido bastante resistente, essa leguminosa proporciona sensação de saciedade. Como evento adverso, pode ocasionar leve diarreia em pessoas que possuem uma dieta rica em carboidratos (COLAÇO; DEGÁSPARI, 2014)

Popularmente conhecida como Laranjeira amarga/azeda/cavala/servilha, *Citrus aurantium*, é utilizada como calmante, inibidor de apetite e anticonvulsivante. Costa e colaboradores (2020) dizem que o alcaloide encontrado nesse fruto proporciona um aumento na lipase hepática, a qual acarreta termogênese e conseqüente a perda de peso. (COSTA et al, 2020).

Em suma, a obesidade é um problema de saúde pública que atinge o mundo em grandes proporções, associada ao risco de desenvolver HAS e DM. Nessa perspectiva, a fitoterapia oferece alternativas complementares para o tratamento da obesidade e entre outras doenças (JEANNY et al, 2021). Esses fármacos naturais podem ser consumidos em

chás, infusões, cápsulas e tinturas, visando a forma de utilização de cada um deles. Diante disso os fitoterápicos são de grande utilização e repercussão, alcançados resultados satisfatórios e auxiliando o indivíduo em suas metas e expectativas (LUCAS et al, 2016).

## REFERENCIAS

França, E. et al. (2017). Mortality due to noncommunicable diseases in Brazil, 1990 to 2015, according to estimates from the Global Burden of Disease study.

São Paulo. Med Journal, 135 (3), 213-21.

TOMAZ, P. A. ; SILVA JUNIOR, W. F. da . Herbal medicines used in the treatment of non-communicable chronic diseases. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 11, n. 10, p. e439111033036, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.33036.

Malta, D.C.,et al.(2017).Mortality due to noncommunicable diseases in Brazil, 1990 to 2015, according to estimates from the global burden of disease study. Sao Paulo Med J.135(3),213-221.

Costa, A. C. S. et al. (2021). Intervenção Nutricional nas Doenças Crônicas Não Transmissíveis: Uma Revisão de Literatura. *Amazônia: Science & Health*, 9 (1), 96-104.

Brasil. Ministério Da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2014). Instrução Normativa n.º 02, de 13 de maio de 2014. Publica a “Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado” e a “Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado”. Brasília.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos Departamento de Assistência Farmacêutica. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. 2016

Saad, G. A. et al. (2016). *Fitoterapia Contemporânea: tradição e ciência na prática clínica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

XAVIER, A. T.; SILVA NUNES, J da. Treatment of Diabetes Mellitus with medicinal plants <http://dx.doi.org/10.31072/rf.v9i1ed.esp.616>.

CARVALHO, A. CRISTIANE; OLIVEIRA, A. A. SILVA; SIQUEIRA, L. PAIXÃO. Medicinal plants used in the treatment of Diabetes Mellitus: A review DOI:10.34119/bjhrv4n3-247.

BRITO, E. et al. (2020) Phytotherapy as a complementary therapeutic alternative for patients with Diabetes Mellitus in Brazil .

FERREIRA, W. SILVA; RIBEIRO, M. LEANDRO. The benefits of passion fruit (*Passiflora* spp.) in diabetes mellitus DOI:10.34119/bjhrv3n6-331.

TOMAZ, P. A.; SILVA JUNIOR, W. F. da. Herbal medicines used in the treatment of non-communicable chronic diseases. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 10, p. e439111033036, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.33036.

GUIMARÃES, E.et al. (2021) Therapeutic practices with medicinal plants for the treatment of Diabetes Mellitus, *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, e474101018874, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: 1033448 rsd-v10i10.1887.

SANTOS, A.; VILANOVA, C.; Ethnobotanical survey of medical plants used as hypoglycemic by users of Phytotherapy Program of Federal University of Maranhão - UFMA, Brazil. doi: 10.14808/sci.plena.2017.034501.

- ALVARENGA, E. et al. (2017) Use of medicinal plants for the treatment of Diabetes Mellitus in the valley of Paraíba – SP – Brazil.
- FERREIRA, E. et al. (2022) Interactions of medicinal plants and drugs in patients with systemic arterial hypertension and Diabetes mellitus. DOI: 1032712/2446-4775.2022.1341.
- SANTOS, M.M.; NUNES, M.G.S.; MARTINS, R.D. Uso empírico de plantas medicinais para tratamento de diabetes. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE.
- SOUZA, C. S. et al. Blood Pressure Control in Hypertensive Patients in the “Hiperdia Program”: A Territory-Based Study. *Arq Bras Cardiol.* v.102, n.6, p. 571–578, Jun 2014.
- Virgínio, T. B. et al. (2018). Utilização de plantas medicinais por pacientes hipertensos e diabéticos: estudo transversal no nordeste brasileiro. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31 (4), 33-40.
- NUNES, M. G. S.; BERBARDINO, A. O.; MARTINS, R. D. Uso de plantas medicinais por pessoas com hipertensão. DOI: 10.15253/2175-6783.2015000600002
- GELATTI, G. T. et al. Estudo exploratório do uso de plantas medicinais para o controle de fatores de risco cardiometabólico em mulheres pós-menopausa.
- HOLANDA, Sanderson (2022). Uso de plantas medicinais no tratamento da obesidade: uma revisão integrativa. –FACENE/RN
- Lucas RR, Pereira FF, Santos Júnior ADF, Cavalcanti BC, Nobre Júnior HV, Da Silva GR, et al. Fitoterápicos aplicados a obesidade. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*. 2016 Jul 9;11(2).
- SILVA, N. C. S. et al. A Utilização de Plantas Medicinais e Fitoterápicos em prol da saúde, *Única Cadernos Acadêmicos, Ipatinga MG*, v.3, 2017.
- COSTA, K.C, et al. O uso de Fitoterápicos e Plantas Medicinais em Processo de redução de peso: Analisando prescrições nutricionais. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6,n.1, p.3484- 3504 jan. 2020.
- OLIVEIRA, A. K. D, et al. Fitoterápicos considerados emagrecedores comercializados por farmácias de manipulação. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.8, p.77981-77994. 2021.
- JEANNY, K., et al. O uso de fitoterápicos no tratamento da obesidade. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 12, e56101219425, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i12.19425>